

ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DE ESCOLARIZAÇÃO DE ALUNOS NÃO-ALFABETIZADOS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO CICLO I DO ENSINO FUNDAMENTAL

Joyce Firmino de Almeida¹; Luciano Nunes Sanches Cores²; Tatiana Platzer do Amaral³

Estudante do Curso de Pedagogia; e-mail: joyce.f@bol.com.br¹

Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: luciano.sanchez@umc.br²

Professora da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: tatiana@umc.br³

Área do Conhecimento: Educação

Palavras-chave: Alfabetização; Escola Pública; Fracasso Escolar

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema o fracasso escolar no processo de apropriação da linguagem escrita, visando analisar o fenômeno de maneira a considerar o papel da escola nesse processo. Entende-se o fracasso escolar como um processo sócio-político construídos por fatores de ordem ideológica e discriminatória, que são legitimados e naturalizados pela estrutura burocrática da escola e do sistema de ensino e por produções científicas. (PATTO, 1993). A instituição escolar é um espaço que adquire existência concreta a partir da atuação dos sujeitos que lhe dão significados diversos, sendo estruturada por relações de poder que permeiam toda a vida escolar. Portanto, para compreendê-la é preciso apreendê-la de forma crítica e em sua relação com a história do sistema de ensino e da sociedade na qual está inserida. (PATTO, 1993; EZPELETA e ROCKWELL, 1989). Assim sendo, as concepções hegemônicas acerca do fracasso escolar têm entendido esse fenômeno como decorrente de fatores individuais, ou seja, que as causas da não aprendizagem estariam no aluno, pois esse não teria as capacidades apropriadas para desenvolver-se intelectualmente, seja por fatores de ordem biológica, seja devido à influência do ambiente socioeconômico ou familiar em que vive. E que ao tentar considerar a escola como fator importante na produção do fracasso escolar e criticar as explicações que atribuem as suas causas às condições socioeconômicas do aluno, caracterizam “a partir de duas afirmações inicialmente não conciliadas – ‘as causas estão na escola’ x ‘as causas estão na clientela’ (...) uma terceira que as integra: a escola é inadequada para as crianças carentes (...). (Patto, 1993, p.97). Tendo em vista que as concepções hegemônicas de fracasso escolar permeiam o pensamento educacionais na atualidade e assim contribuem para visão depreciativa das crianças advindas das classes desfavorecidas e auxiliam na propagação da idéia de que elas seriam portadoras de fatores individuais que as impediriam de apropriar-se da linguagem escrita. As pesquisas acerca desse fenômeno tornam-se relevantes, na medida em que compreendem sua produção na instituição escolar e nas relações da escola com a sociedade (Sawaya, 2000) e, assim, possibilitam questionar a compreensão de que as causas da não aprendizagem seriam decorrentes de fatores inerentes ao aluno.

OBJETIVOS

Objetivo geral: Analisar a trajetória de escolarização de alunos não alfabetizados matriculados no último ano do Ensino Fundamental I de uma escola pública paulista.

Objetivo específico: Compreender os critérios e a condição de não alfabetizado de alunos no último ano do EF I e; Discutir as repercussões no processo de ensino e aprendizagem de alunos não alfabetizados no último ano do EF I provocadas pelo encaminhamento para a sala de reforço

METODOLOGIA

A pesquisa fundamentou-se na abordagem qualitativa do tipo estudo de caso, pois a análise focou-se nos registros oficiais acerca da trajetória escolar e desenvolvimento pedagógico de aluno não alfabetizados matriculados no último ano do Ensino Fundamental. O cenário de desenvolvimento foi uma escola pública de Educação Infantil e Ensino Fundamental I, localizada na região metropolitana de São Paulo. Coletaram-se documentos diversos que pudessem auxiliar na reconstrução do processo de escolarização de alunos que não dominavam a leitura e escrita. A forma como os registros estavam disponibilizados na instituição de ensino, demandaram desde o início a organização, para a obtenção de sentido. Assim após a seleção e organização dos materiais disponíveis delimitou-se o trabalho com sete alunos. Os dados referentes a esses alunos foram submetidos a leituras minuciosas e analíticas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados coletados foram submetidos a análise a partir dos dois eixos delimitados pelos objetivos da pesquisa, a saber: critério e condição de não alfabetizados no último ano do EF I e repercussões no processo de ensino e aprendizagem provocada pelo encaminhamento as aulas de reforço.

Critério e condição de não alfabetizados no último ano do EF I

Com relação ao primeiro eixo, verificou-se que a não alfabetização configura-se como o não domínio do ler e escrever. A condição de não alfabetização é considerada, equivocadamente, como sinônimo de dificuldades. Para a escola, a apropriação da linguagem escrita seria *pré-requisito* para aprendizagens dos conteúdos da série. Dessa forma primeiro deve-se aprender a ler e escrever para depois aprender outros conteúdos. Estes pré-requisitos também estendem-se à aprendizagem da leitura e escrita (Sawaya, 2000). Acrescenta-se a compreensão acima exposta a idéia de não apropriação da leitura e escrita como dificuldade, como lemos nos trechos:

“o aluno terminou o ano de 2006 apresentando dificuldades na leitura e escrita”

“o aluno veio para esta escola no meio do ano e quando chegou já estava apresentando muita dificuldade na leitura e escrita”

A informação de que os alunos apresentam dificuldade na leitura e escrita é persistente em diferentes relatórios referentes a cinco alunos, no entanto, nenhum dos relatórios especifica o que seria dificuldades na leitura e escrita. na análise do material coletado foi possível perceber que numa mesma sala, um aluno que não reconhece o alfabeto e que não consegue formar palavra e outro que reconhece o alfabeto e consegue formar palavras, ambos apresentariam, conforme os relatos, dificuldade na leitura e escrita. Pondera-se que cabe à instituição escolar ensinar e/ou desenvolver as capacidades de ler e escrever, de interpretar e produzir texto, de compreender a função mnemônica da escrita, pois “a alfabetização é um processo complexo, que envolve a apropriação de um conjunto de processos que precisa ser ensinado” (Gontijo, 2001, p. 263). No entanto, o “conjunto de processo” é configurado, muitas vezes, como *dificuldades na leitura e escrita*. O principal instrumento utilizado na instituição pesquisada para avaliar o processo de aprendizagem da linguagem escrita: a *avaliação diagnóstica* (também chamada de sondagem diagnóstica, diagnóstico ou sondagem). Diversas avaliações diagnósticas foram realizadas e diferentes interpretações foram realizadas, no entanto

tais avaliações apresentavam caráter classificatório, visando categorizar os alunos de acordo com as hipóteses de escrita, não houve, portanto retorno efetivo para a apropriação da linguagem escrita. Verifica-se, de igual modo, a crença na possibilidade de “trabalhar melhor com a diferença existente entre os alunos, adequando o ensino aos diferentes ritmos de aprendizagem em função dos estágios de desenvolvimento da linguagem escrita em que se encontra a criança” (Sawaya, 2000, p. 78). No entanto, como foi possível compreender que, as diferenças, bem como os ritmos diferentes de aprendizagem configuram-se, na escola, como dificuldades individuais do aluno que o impossibilitariam de apropriar-se da linguagem escrita e essa premissa orienta as ações dos educadores (Sawaya, 2000).

Repercussões no processo de ensino e aprendizagem de alunos não alfabetizados no último ano do EF I provocadas pelo encaminhamento para a sala de reforço

Outra estratégia utilizada pelos professores diante do não domínio da leitura e escrita é a indicação as aulas de reforço. Conforme os registros oficiais das sete histórias de escolarização de alunos não alfabetizados o início da frequência na sala de reforço ocorre a partir da 2ª série. Não há na instituição escolar registros sistematizados acerca do trabalho realizado e quais outros alunos participaram do reforço. Foram encontrados registros reveladores da expectativa da escola em relação à participação dos pais no processo de ensino-aprendizagem de seus filhos. Em um documento encaminhado aos pais de alunos recomendados há os seguintes trechos: *“sozinhos não fazemos milagres”, “cada uma tem uma parcela de responsabilidade na educação dessas crianças e a responsabilidade dos pais é muito grande, se não podermos contar com vocês que são os pais com quem contaremos?”* e *“a escola oferece tudo o que está ao alcance dela, mas se não tivermos a ajuda dos pais não chegaremos a lugar nenhum”*. Evidencia-se que para a escola, sem a participação dos pais, não seria possível garantir efetiva aprendizagem dos alunos, uma vez que sem a ajuda dos pais a escola não chegaria a lugar nenhum. Dessa forma a família é responsabilizada pelo fracasso escolar dos alunos. Alguns relatos dos professores nos possibilitam, de igual modo, verificar a responsabilização da família pelo fracasso escolar.

“a família mesmo ciente dos fatos não demonstrou empenho em ajudar a equipe escolar garantindo a frequência da aluna na escola”

“a família é consciente da dificuldade do aluno, mas pouco faz para ajudá-lo”

Com relação à crença de que a participação da família seria fator determinante no processo de aprendizado, Patto (1993) afirma que “(...) mais do que com o tão falado “currículo oculto”, a escola pública parece contar com um “corpo docente oculto” sem o qual não consegue dar conta do seu recado” (p.260). Outro dado coletado refere-se ao processo de patologização do ensino. Como agravante da compreensão do fracasso escolar como decorrente de fatores individuais, evidenciamos, a partir dos dados coletados, o processo de transformação de, supostas, características individuais do aluno em patologias que impediriam sua aprendizagem. Por meio da análise dos casos, é possível notar uma crescente com relação a construção do *problema/ dificuldade de dicção* do aluno. A partir de uma suposição a escola, estrutura-o e o solidifica no último ano. Embasados em conhecimentos advindos do senso comum, reafirmadas muitas vezes por pesquisas, a escola transforma uma característica do aluno numa patologia que seria responsável pelo fracasso escolar do aluno na alfabetização. Os profissionais, psicólogos, fonoaudiólogos, por exemplo, acabam reafirmando aos educadores a idéia de que o fracasso escolar seria decorrente de fatores inerentes ao aluno, uma vez que encaminhados os alunos são submetidos a avaliações que buscam identificar nele as causas da não aprendizagem. Além de indicar, e assim auxiliar a legitimar, práticas

escolares que em sua origem compreende os alunos como incapazes (como vimos no comunicado aos pais e em relatos das educadoras) e verificamos em um dos pareceres, no trecho “*É indicado sala de reforço/ recuperação*”. Ainda corroboram para a presença na escola de conceitos psicológicos e, assim, para a psicologização do fracasso escolar e do ensino. Como verifica-se no trecho a seguir:

“é indicada terapia em grupo nessa U. E. Com enfoque na valorização da auto estima e auto confiança”

CONCLUSÕES

A análise dos dados permitiram evidenciar que a visão da criança das camadas desfavorecidas, como portadora de fatores que a impediriam de aprender ainda se faz presente nos meios educacionais e orientam as práticas dos educadores. As concepções psicológicas e biológicas que são apropriadas pelos sujeitos escolares, acabam por patologizar os processos de ensino e aprendizagem, como afirma Aquino(2000),“(...) a biologização e a psicologização das causas do fracasso discente findaram por instaurar um amplo processo de *patologização* do cotidiano escolar (...)” (p.142). Nessa medida transforma-se, no espaço escolar, uma característica em patológica e dessa maneira é perpetuada sua condição de não aprendiz, no caso específico da pesquisa, sua condição de não alfabetizado. Compreende-se que pesquisas acerca dos processos de produção do fracasso escolar assumem relevância, na medida em que, são reveladas as forças no interior da escola que geram e perpetuam a condição de não aprendiz de alunos oriundos das classes populares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Julio Groppa. *Do cotidiano escolar: ensaios sobre a ética e seus avessos*. São Paulo: Summus, 2000.

EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. **Pesquisa participante**. 2ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1993.

SAWAYA, Sandra Maria. **Alfabetização e fracasso escolar: problematizando alguns pressupostos da concepção construtivista**. Educ. Pesqui., jan./jun. 2000, vol.26, n°.1

SAWAYA, Sandra Maria. Novas perspectivas sobre o sucesso e o fracasso escolar. In: OLIVEIRA, M. K.; SOUZA, D. T.; RIGO, T. C. **Psicologia, educação e temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002.